

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRETORES E PROPRIETARIOS: — LYSTER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Administrador, — J. P. Sousa — Editor, — L. Franco

Redação, administração, composição e impressão

ASSINATURAS: — Trimestre 500 réis — COMUNICADOS E ANUNCIOS: — Cada linha 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial. Publicam-se todas as informações de interesse geral.

Publica-se ás quartas e sábados

Tipografia Democratica, Rua 1.ª de Dezembro

EM FÓCO

Continuam os emeritos bajuladores do sr. Paulino de Andrade, — essa irrisível figura de opereta, guindada pela incompetência de um ministro insufficiente á chefia deste distrito, — a atribuir-lhe qualidades que o mesmo senhor não possui e adjetivar o seu nome, já celebre, com os mais pomposos e inaproprios qualificativos.

Segundo os seus defensores officiosos, o sr. major Paulino não é irracional nem arrebatado, não é impulsivo nem incompetente.

Que ridícula atitude a da minguada falange dos paulinistas!

Como ela está em profundo desacordo com a orientação democratica que todos deviam seguir!

De fórma tão desastrada e incorreta se procuram insinuar na opinião publica os altos meritos do truanesco heroe de Ferragudo, que o desinteresse dos que combatem a seu favor resalta, claro e refulgente como este bello sol que nos alumia.

Nos tempos preteritos, durante a vigencia do velho regimen que se afundou num mar de lama, levando na sua voragem quantos se tinham engrandecido á custa dos maiores crimes e latrocinios; nos mesmos tempos em que imperavam as clientelas e em que os verdadeiros liberaes viviam oprimidos e dominados pela voragem onipotente dos caciques, compreendia-se uma tal orientação.

Era preciso homenagear o cacique para que este, grato ás bajulações e ao servilismo dos seus aduladores, se desentranhasse em gratidão, acumulando-os de beneficios e favores.

Presentemente, sob a vigencia da Republica, que tem como base do seu programa politico a libertação das consciencias, é inadmissivel, é irrisoria e incorretissima a atitude de meia duzia de dementados que afirmam impudicamente que o sr. Paulino de Andrade é o mais sensato e competente de todos os chefes de distrito!

Chega a ser imoral o seu fanatismo, a sua obstinação na defesa do que é indefensavel e digno da mais rigorosa critica.

Nunca um governador civil do distrito se viu tão desacompanhado e falho de elementos que pudessem garantir a esta provincia uma administração inspirada nos mais sãos principios da democracia.

Apertado num círculo de incompatibilidades que só lhe deviam sugerir o immediato pedido de demissão, o sr. Paulino de Andrade, em vez, desse gesto que até certo ponto o reabilitaria

perante a opinião publica, justamente indignada pela sua politica dubia, prefere fazer publicar a tanto por linha nos raros jornaes que lhe são afetos, ridiculos trechos da sua obscura biografia!

Mas recapitulemos os principais trechos da já celebre biografia politica do sr. major Paulino como chefe do distrito de Faro, logar em que ainda nada fez que nos levasse a julgar que auferia dignamente os proventos relativos ao seu elevado cargo.

E' acusado pelos bons republicanos de sempre, porque os perseguia passando ordens de prisão contra eles; porque intendeu que devia fazer uma politica acomodaticia, preterindo os velhos servidores da Republica pela horda faminta dos barriguistas monarchicos, sempre pronta a endeusa-lo servilmente no intuito de conquistar-lhe as boas graças.

Da forma incorreta como o sr. Paulino de Andrade começou a executar o seu tenebroso plano, falam bem altos os energicos protestos que em todo o distrito se levantam contra a sua politica bifronte!

Grangeou a desconfiança de todos os elementos de defeza da Republica, porque, sem lembrar-se de que é ele proprio um estranho sem simpatias n'este distrito, para aqui tem importado serventuarios de todas as raças e categorias a quem em afrontosas nomeações confiou os cargos de que injustamente esbulhara os velhos e dedicados defensores do regimen.

A par disto, precisamente quando as hostes do traidor Paiva Couceiro atentavam mais uma vez contra a integridade da Republica, o sr. major Paulino de Andrade orientou-se de tal forma que chegou a merecer uma calorosa manifestação de simpatia por parte dos elementos monarchicos de Silves, quando resolveu ir aquella cidade, afim de ultimar o plano de politica de opera comica em que de ha muito vinha matutando.

Esse plano era, como é geralmente sabido, a substituição de republicanos que exerciam cargos de confiança, por elementos que nunca se tinham evidenciado como afetos ás instituições.

Não será todo este acervo de prepotencias e dislates mais que sufficiente para justificar a atitude hostil dos republicanos deste distrito para com o sr. major Paulino?

Respondam-nos todos aqueles que repudiam indignados toda a camaradagem com os bajuladores e serventuarios do sr. Paulino e só desejam á frente do dis-

trito um governador civil competente para zelar a integridade da Republica e promover as prosperidades do Algarve.

ECOS E CONSIDERAÇÕES

Depois de roubado

No dia 16 do corrente pelas 15 horas e meia, cruzaram na estação de Carregueiro os comboios n.ºs 5 e 6, expressos entre Lisboa e Vila Real de Santo Antonio e vice-versa.

No que vinha de Lisboa, seguia o nosso, particular amigo Viegas Lata e no outro o sr. Antonio Paulino de Andrade, governador civil deste distrito, que parecia viajar incognito.

Ao cruzarem os comboios, o nosso amigo franqueou varios jornaes, já lidos, ás pessoas conhecidas, que para com ele já tem usado equal delicadeza, e de repente deparou com o mestre «Paulino» que lhe manifestava o desejo de possuir um desses jornaes, sendo prontamente satisfeito.

Mas o melhor da peça foi o seguinte: O nosso amigo Viegas Lata, decerto conhecedor da politica usada pelo es'crupuloso governador, dispensou-lhe a Luta.

Mas qual não foi a sua surpresa quando viu que o sr. Paulinho poz de lado A Lucta e preferiu O Século?

Ora, porque seria que o mestre Paulino, sendo tão ferrenhamente camachista, não quiz ler o jornal do seu pápa?

Estamos a ver que anda moiro na costa!

Olá se anda!

Faz desconfiar

No dia 13 do corrente deu entrada na casa de reclusão militar do Castelo de S. Jorge o sr. alferes Novaes e Silva, de cavalaria 7, filho do sr. coronel Antonio Augusto da Silva, que ultimamente veio aqui fazer a sindicancia aos acontecimentos que se deram no 3.º batalhão do 33.

E' acusado de tramar contra a Republica e de fazer aliciamento de pessoal para os realistas.

Acompanhou-o até ao Castelo o sr. João Mendes Cabeçadas, alferes do 33, nosso comprovinciano e amigo.

Precocidade

Em resposta á Alma Algarvia, um dos directores do Algarve lembra-se de dizer que tem 64 anos de idade e 52 de pratica jornalística!

Esta nem ao diabo era capaz de lembrar! Pelo visto, O Algarve, que tem 5 anos, já o era antes de o ser, e um dos seus directores, com a sua pratica de jornalista, começada na inteligente e sensata idade, dos 12 anos, deve ser uma coisa de arromba!

Ontra paulinice?

Ao que nos consta, o governador civil prepara-se para exercer grossa perseguição contra um funcionario administrativo, pelo facto deste funcionario ser... um republicano sincero.

Vejam-o que sae, e então poremos os pontos nos is.

O Algarve

Este nosso colega arrufou-se por se julgar incuido na referencia que fizemos ao sr. Paulino e á matilha ignobil dos seus aduladores e serventuarios.

Pois não devia arrufar-se. Bem sabemos que os amores do Algarve pelo seu amicissimo chefe são unicamente... amores platonicos.

O club do Fole

O nosso colega O Sul deu-nos a es-

plendorosa noticia de que reapareceu o club do antigo Luiz do Fole.

O Sul mostra desejos de que O Heraldo rape as barbas para que não mais... encalhem com os pobres velhotes do tal centro de cavaqueira.

Não haverá duvida, mas é necessario que o amigo Sul arranje para o caso uma recomendação do mestre Paulino, que é hoje o homenzinho que mais simpatias gosa no distrito. Não somos nós que o dizemos, são as constantes saudações que S. Ex.ª está frequentemente recebendo de toda a provincia.

A's esmolas!

A paulinófila Provincia do Algarve publica um telegrama laudatorio, recebido pelo governador civil e assinado por 149 pessoas de Monchique.

Dizem-nos que essas paulinescas assinaturas foram alcançadas por dois ou tres monarchistas nas lojas de barbeiro da vila de Monchique e seus arredores.

E' provavel que assim tenha sido e tal facto serve para confirmar o que nos constou á ultima hora: — Que as raras e paulinosas creaturas de Faro vão distribuir listas pelos diversos estabelecimentos da cidade, para serem cobertas com assinaturas em louvor de S. Paulino. Tambem nos consta que os paulinantes sacristães vão angariar assinaturas nas suas bandejas.

Enã pae, tantas provas de simpatia!

Contrasensos

O Algarve, pisa-flores que noutras eras se deitava com unhas e dentes á sua detestavel Provincia, está hoje de casa e pucarinho com ela, nos afamados e grotescos louvores ao chefe do distrito.

Ha casamento pela certa! Mas... quem os viu e quem os vê!

O peor é que os louvores do «Algarve», que é o periodico mais popular e de maior circulação na provincia, tem um peso extraordinario na balança da opinião publica, e portanto... com os dois amancebados, o de cá e o de Tavira, e com o santissimo Distrito de Faro, lá se vae pela agua abaixo a nossa humilde campanha contra o seu inequívavel e simpatico bemfeitor.

A reacção

A delambida Provincia do Algarve, animada do desejo de gracciar com as tropas, agradece ao Algarve e ao Distrito de Faro as amaveis referencias que estes seus paulinosos camaradas fizeram ao chefe do distrito.

A Provincia do Algarve está no seu papel, mas esqueceu-se de fazer uma coisa; Devia ter principiado assim: Foi Deus servido chamar a sua divina presença o chefe do distrito...

E tambem lhe cumpria agradecer eguaes favores ao jornal do sr. bispo.

Tabuas do naufragio

A Provincia do Algarve e o seu paulinante Algarve, amoucos do chefe do distrito, publicaram duas laudatorias a S. Paulino, transcritas do Correio da India, jornal de Nova Góa, e do Noticias, jornal de Mazagão (Salse-te).

O governador civil, mandando para certa imprensa os recortes dos jornaes da India que lhe são afetos, em nada consegue demudar a opinião de toda a gente do Algarve. Esses jornaes da India não exercem a menor influencia no espirito publico. Quando muito, servem para demonstrar que o chefe do distrito é um belo governador de pretos.

De resto, o major Paulino faz agora com esses jornaes da India o mesmo que um dia, se lhe derem sova em qualquer outra parte, podera fazer com os seus estrenuos paulinistas, — A Provincia, O Algarve e o Distrito.

Ai Paulino, Paulino! Raís te par-tam, Paulino!

RINDO S. Paulino, virgem e martir

Ha poucos dias, folheando uns velhos agiologios que a mão vigorosa da Republica arrancou de uma escura e humida biblioteca de convento, deparei com a descrição da vida e milagres d'este venerando santinho e como fui sempre bom cristão, temente a Deus e respeitador dos principios da Santa Religião Catolica Apostolica Romana, aqui a transcrevo para edificação das gentes pias:

Nasceu S. Paulino em terras do Setentrião e tão temente e dedicado á Santa Polittica Franquista se mostrou desde os mais tenros anos, que logo reconheceram todos os seus conterraneos que um tão prodigioso menino estava destinado a um grande futuro.

Em menino e precisamente quando os jovens da sua idade se entregavam aos folguedos proprios da infancia, ele, o joven Paulino, que depois tanto se havia de notabilisar em tantas e tão constantes penitencias ante o altar de S. Beijo Rachado, entreteinha-se caçando borboletas, que, sorridente e meigo, ia depois oferecer á Senhora dos Lagartos, uma das mais milagrosas daquelas proximidades.

Não lhes fazia mal algum, antes as afagava com os requintes da peregrina bondade que foi sempre o traço predominante do seu genio predestinado para grande futuro.

Mais tarde, quando a barba começou a azular-lhe a epiderme setinea, inspirado pelos decretos da Santissima Cevadocracia, partiu para além-mar, onde obrou varios prodigios, entre os quaes avulta a conversão de mil jacarés ao franquismo e a cura miraculosa de um crocodilo que sofria de almorreimas.

Estes e quejanjos feitos mereceram-lhe a veneração illimitada de todos os bons guanos que desde logo se habituaram a reverencia-lo com o maior respeito, estima e consideração.

Depois voltou á ditosa patria que o viu nascer, mas d'esta epoca da sua existencia nada rezam as cronicas. Consta, porém, pela narrativa de um piedoso monge que o conheceu por esses tempos, que levou a maior parte da sua vida fazendo penitencia n'um deserto, sustentando-se só de moscas e formigas, á imitação de Santo Hilarião que só comia gafanhotos.

Tempos depois, por conselhos e sugestões de S. Silvestre, pintou-se de encarnado e verde e enfileirou entre a aguerrida milicia da Santa Republica e foi missionar para Evora onde esteve prestes a sofrer martirio e de onde passou ao Algarve, provincia que o destino assinalara para ser teatro das suas maiores tentações e arrelias.

Mas a graça de S. Silvestre, que o acompanhava por toda a parte, aureolou-o de um prestigio tal, que o tornou semi invulneravel ás investidas dos genios infieis que teimavam em chamar-lhe talassa e pediam a sua degolação.

Mas tudo o milagroso santinho sofria com paciencia e grande Fé no seu venerando Patrono, o santissimo Beijo Rachado.

Veze sem conto vinham atormental-o animaes imundos e ele, o futuro santinho, pondo os olhos em alvo, enchia-se de resignação e relembraava saudoso os bons tempos da infancia, quando, em vez de moscas e zumbedores mosquitos, tinha por companheiros mimosas borboletas furta côres.

A's vezes, em plena noite, visões horriveis vinham flagela-lo cruciantemente. Eram viboras e basiliscos por todos os lados, serpentes que vomitavam fogo e que contra a sua carne macerada de peritente ejaculavam uma peçonha danada que lhe abria em chagas o corpinho tenro e sofredor.

Abordando em sobresalto, entram logo a rezar com devoção extrema e logo ao prepassar das camandulas por entre os seus dedos ossudos, mil visões risonhas vinham alegrar a sua solidão de asceta.

Era em pleno Paraizo. Um magestoso velho de barbas argenteadas sorria-lhe complacente. Anjinhos revoltavam em redor entoando a *Maria Cachucha* e o *Compadre Chegadinho* com as suas vozes de infinita doçura.

Então ele, enlevado, sentia florir em sua alma todo um mundo de esperanças, e a sua carcassa, o seu involucro terreno a aligeirar-se e a subir, que a breve trecho lhe parecia estar mais leve e imaterial que um perfume.

Resava em taes noites, até de madrugada. Era tanta a sua devoção que nem se esquecia de suplicar a S. Silvestre que lhe inspirasse as mais pezádas penitencias.

Rojava-se pelo sólo humido e frio, os cabelos desgrenhados a flutuarem num vae-ven de sublime tragedia.

Batia com uma pedra no peito e deleitava-se sentindo o ruído surdo do miserio cavername do seu arcaboço sob a força bruta do penedo insensível, e ás vezes, quando tentações lubricas o invadiam, esfregava a carne com cardos.

Se era a sensação da fome que vinha persegui-lo, suggestionando-lhe a lembrança de opiparos banquetes, tornava a benzer-se, tornava a rezar, e pouco entretinha a fome mascarando urtigas, cardos e outras plantas daninhas.

Para mais experimentar a sua constancia ordenou S. Silvestre que um diabo negro irrequieto e pañado, tentasse a todas as horas o benaventurado Paulino, incitando-o na pratica de varias ações contra a Santissima Democracia.

E tantos e tão feios atentados praticou por intenção do seu tentador, o demónio negro que S. Silvestre lhe lançara á perna, que veio sotrer martirio, sendo executado em comício publico, em Vila Nova de Portimão, e d'ali subiu ao ceu immaculado e puro onde estará sob a vista misericordiosa de S. Duarte Leite, até que o divino Povo, creador da Republica, se lembre de julgá-lo, compensando-o como merece.

E nada mais se continha no referido agiologio, na parte referente a S. Paulino, Virgem e Martir, cujo traslado fiel aqui deixo patente á admiração dos contemporaneos e para exemplo e ensinamento dos vindouros.

FLAMINIO

CONTOS E NOVELAS

A CORDA E O FERRO

Além da pá, do balde, da cal e da enxada, a corda e o ferro eram os amigos do coveiro. Talvez os unicos.

Seus companheiros de longos anos, naquela faina quotidiana de dar corpos á terra, haviam-se familiarizado com ele, tinham-se tornado os seus confidentes...

O ferro, aquele grande varão de ferro, com oito palmos de comprido e que a ferrugem começava remordendo em manchas avermelhadas, era o seu dileto ajudante na escavação de sepulturas.

Era ele que o aconselhava, que lhe dava o comprimento, a largura e a profundidade das covas... e, o som cavo que drozudia, quando a mão calosa e terrea do coveiro o impelia para dentro do antro escancarado e que só tornaria a fechar-se sobre um caixão, era sempre para o velho enterrador como uma voz meiga que lhe dissesse:

— Detem-te! Está pronta a obra!

E este som que assim impressionava os ouvidos do coveiro, ouvia-o ele havia trinta anos.

Ouvia-o por toda a vasta estensão do cemiterio, no fim das árduas tarefas diarias, apoz longo trabalho, corpo curvado á terra, enxada na mão... suor a cair... a cair...

Juntos, o coveiro escavando a terra, a construir derradeiras moradas, e o ferro a dizer-lhe quando estavam concluidas, tinham corrido, passo a passo todo o Campo Santo!

A corda, uma corda de linho, escura e sebenta, cheia de nós e com dois ganchos de ferro nas estremidades, tambem o acompanhava, tambem... mas mais tarde.

Era com o auxilio dela que se enchiam as sepulturas. Era ela que o ajudava a depór, lá no fundo escuro e humido das covas, os caixões de lhamas reluzentes...

Ao entardecer, terminados os enterramentos, era sempre com reconhecimento e ternura que o velho coveiro, de faces

enrugadas, cabelo crespo e arruivado,— a lembrar pela cor as folhas espinhentas dos cardos do caminho, mortos apoz as grandes soalheiras e que o pó vai pouco a pouco amortalhando na sua brancura argentea se detinha a olhar os seus companheiros de trabalho.

E, ás vezes, n'uma grande quietação de espirito, cigarro ao canto da boca, sentado sobre uma campa, proximo da porta, o coveiro através das bafuradas azues do fumo, filosofava... filosofava...

E, dava-lhe, quasi sempre, para calcular o numero de enterramentos que tinham feito... os tres. Ele, o ferro, e a corda... numero immenso... incalculavel... trinta anos! Trinta longos anos a estercar aqueles talhões incultos!

Lembravam-lhe, então, as diversas expressões dos milhares de defuntos que sepultara!...

Recordava-se bem que, ao começar aquella sua vida triste de enterrador, a feição dos primeiros mortos a quem tivera de dar sepultura, como que se lhe estampára na memoria, causando-lhe, á noite, maus sonhos, pezádelos em que via espíritos lividos... muito lividos, olhos parados coruscantes, como pedras preciosas feridas pelo sol em cintilações de brasa, a paxal-o com as suas mãos mirradas, dedos em feição de garras aduncas, tentando arrastal-o com eles lá para baixo... para o escuro fundo dos covaes!...

Depois afizêra-se áquilo. Viera a resignação... a indiferença... Agora olhava para um morto como para um vivo e menos lhe impctavam os pensamentos dos homeus que a corda e o ferro.

Amava aqueles dois inanimados companheiros das suas fadigas com um afeto profundo... fraternal...

E filosofava... filosofava, contemplando-os, ao cair da tarde, como se conversasse com dois velhos amigos...

A mão inexorável da Morte arrebatou ha tempos o velho coveiro, obrigando-o por sua vez a descançar d'aquella penosa faina...

Como que em derradeira homenagem foi tambem o varão de ferro—aquele longo varão em que a ferrugem pôz manchas arruivadas, que lhe delimitou a cova e a corda—aquella velha corda cheia de nós,—foi que o ajudou a deitar-se lá em baixo, dentro do caixão tosco, no fundo da sepultura...

Agora, ás tardes, já não ha quem pareça conversar com aqueles funebres apetrechos. Enquanto o corpo do velho enterrador apodrece no fundo da sua cova, a corda e o ferro continuam a pôr a mancha triste dos seus vultos funereos entre a vegetação forte que brota sobre as campas.

O coveiro, amigo deles, partiu... eles ficaram...

Ficaram porque a sua destruição deve naturalmente fazer-se pouco a pouco, á luz clara do sol e aos rigores do tempo e especialmente porque a sua missão não findou ainda!...

Lyster Franco.

DIA HISTORICO

21 de agosto

1415—Conquista da cidade de Ceuta por D. João I e seus filhos.

1808—Batalha do Vimiero.

1810—Os estados da Suecia escolhem o general Bernadotte para successor da corôa.

1832—Subleva-se em Lisboa a favor da Constituição, o regimento de infantaria 4.

22 de agosto

476—O sacro entra em Roma, e obriga Romulo Augustulo a abdicar: assim acabou a incidencia de Augusto 1229 anos depois da fundação de Roma e 507 depois da batalha de Accio, tendo o ultimo reinante os nomes dos fundadores de Roma e do imperio.

1350—Morte de Filipe de Volois, (Filipe VI), rei de França.

1828—Morte de Gall.

1837—Aparecem á vista de Lisboa as forças dos marechães.

23 de agosto

1623—Eleição do papa Urbano VIII.

1754—Nascimento de Luiz XVI, em Versalhes.

1769—Nascimento do sabio Cuvier.

1791—Morre em Londres a celebre condessa de Lamothie que deu origem ao processo do «colar da rainha».

1793—Os inglezes tomam Pondichery.

CAÑCIONEIRO DO POVO

Vento não batas á porta
Que ela julga que sou eu!
E' uma quimera morta...
Não chames por quem morren.

Quando o diabo cantou,
A porta de Margarida,
Levava a cabeça erguida
A lua ouviu e chorou.

EM DEFESA DA REPUBLICA

Manifesto profusamente distribuido pelas diferentes localidades do Algarve

E' necessario que o Algarve tenha á frente do distrito um republicano conhecido. Queremos um governador civil republicano que saiba administrar com inteligencia.

AOS REPUBLICANOS ALGARVYTOS

CORRELIGIONARIOS:

«A situação extraordinaria em que a politica do Algarve se vae desenrolando, obriga-nos a vir ante todos os bons republicanos expôr e aclarar o movimento de protesto iniciado em barlavento, contra o sr. governador civil que, por nossa infelicidade, ainda preside á administração d'este distrito.

A politica do sr. major Paulino de Andrade é tão nefasta, é tão anti-republicana e é tão anti-patriotica, que faz pasmar porque tão extraordinario capricho se conserva á frente do distrito um homem que não gosa a confiança republicana.

O sr. Paulino de Andrade é um homem que trouxe para o Algarve a fama terrivel de adular de franquistas, é um homem que se celebrou na greve de Evora, criando com a sua attitude absoluta e despótica sérias dificuldades ao governo de então, e as primeiras e mais graves dificuldades á Republica. Foi perigosa, perigosissima a sua vida politica em Evora e recordada de incidentes, conseguindo incompatibilisar-se com todos os republicanos d'aquella cidade, conforme os jornaes de então o noticiaram, fomentando ao mesmo tempo, n'uma politica de pessima atracção, o advento de falsos patriotas que, com o seu assalto á Republica apenas tentavam agambar o poder que lhes não pertencia, que tão cedo lhes poderá pertencer.

O sr. Paulino de Andrade com o seu arrogante e impertinente militarismo foi o unico causador da greve geral que então se pronouciou em Lisboa, como consequencia dos fusilamentos de Evora; teve artes de afastar de si a opinião republicana, arredando da Republica as sympathias tão precisas quanto preciosas, do operariado, que então, como desforço se lançou n'um movimento de emancipação e de divorcio dos governos da Republica. Foi este o batismo politico em que se iniciou o sr. Andrade; foi essa a sua obra que o tornou celebre e que avilta na sua bagagem de homem publico quando da sua transferencia para o nosso infeliz Algarve.

Todos nós, velhos republicanos do Algarve, recebemos com desgosto e desconfiança a noticia da nomeação de s. ex.^a para governador civil, mas o momento historico que atravessamos impuñha-nos calma e transigencia, e com transigencia esperamos sempre que s. ex.^a desmentisse o que a seu respeito corria, alimentando a esperança de que o sr. governador civil, a par de uma alta administração, fizesse politica republicana, politica inteligente, politica imparcial. Mas fomos miseravelmente iludidos, maltratados, postos de parte como coisas inúteis ao mesmo tempo que as portas do governo civil se abriam de par em par para todos os que reputamos, com bons fundamentos, inimigos da Republica, e a unica preocupação de s. ex.^a tem sido, desde o principio, incomodar nos, vexar-nos, não só pondo na rua administradores que bem serviam e bem serviram sempre a Republica, mas tambem fazendo nomeações sem ouvir os republicanos, e escolherdo para esses logares de confiança politica antigos monarchicos, ou creaturas por estes indicadas.

Tem feito isto e muito mais o actual chefe do distrito, de quem nenhum correligionario nosso que d'ele se tenha acerbado, tem conseguido uma boa impressão, uma delicadeza, um ato correto. E,—coincidencia extraordinaria—ao passo que a opinião republicana clama, e com razão, contra s. ex.^a, o barometro talassa sobe em encomios de louvor.

E nem um ato de administração; nem um gesto que revele estudo pelos vastos problemas economicos d'esta provincia; nada; absolutamente nada, a não ser uma vaidade balôfa dentro de uma farda de major, cuja inatividade cronica nos ameaça eternisar-se complicando n'uma confusão terrivel a familia republicana do Algarve. Em vez de pacificação: discordia; em vez de fraternidade: uma sementeira de odios; em vez de administração firme: inercia, ignorancia e insensatez; e a sobressair n'este ridiculo qua-

dro da politica algarvia o sr. governador civil inventando um caciquismo insolvente e capitaneando lobos vestidos de carneiro que tentam empolgar e destruir, tirando-lhe toda a feição, á nossa obra republicana que é para todos, mas tambem para nós.

Podem os amigos do sr. Andrade tentar defende-lo por um abjeto partidarisimo; pode o governo dar toda a sua confiança ao sr. governador civil; que todos os engraxadores lambuzados de republicanismo se ponham a postos; nem por isso será menos estrodoosa a sua queda porque com o que s. ex.^a não pode contar é com a confiança dos republicanos unico apoio que o poderia manter, mas que lhe diz simplesmente: saia e saia quanto antes.

A sua ação no governo civil é incompativel com os ultimos fatos:

Na capital do distrito—Faro—não gosa s. ex.^a de sympathias: todos o vêem com aborrecimento e com gelada indiferença. Em Loulé, não consta que s. ex.^a tenha feito qualquer coisa para solucionar a discordia politica que, apesar de dormente, ali existe. Em Lagoa continua o sr. governador civil a sua obra mantendo um administrador contra a opinião republicana. Em Ferragudo, n'um conflito suscitado entre o padre e o povo, é o proprio governador civil que ali vae irritar mais os animos, mandando acutilar mulheres e homeus que n'um legitimo direito queriam a igreja encerrada, e depois de mil fanfarronadas e promessas, decorridos tantos mezes, ainda não foi dada qualquer satisfação a essa gente. Em Silves, onde havia e ha uma forte crise operaria teve a pedantesca pretensão de resolver essa melindrosa questão *oferecendo passes do caminho de ferro* aos operarios e enviando-lhes tropa, como se estes e suas familias comesses *passes, ou soldados*, e como se tão irrisorio *remedio* não fosse o peor dos males:—uma corrente de emigração condenada por todos os economistas modernos, e que só traria a despopulação de Silves, a ruina do comercio, a miseria e a fome.

Na questão politica não é menor o distale do famoso governador: poz de parte republicanos dedicados; nomeou um administrador que qualquer republicano já mais encontrou nas lides politicas e que não lhes agrada por pertencer a um grupo na sua grande maioria constituído por monarchicos, e cuja unica preocupação tem sido guerrear deslealmente os velhos republicanos, disputando-lhes com traição o que legitimamente conquistaram. Em Monchique, é sobremaneira escandalosa a forma por que se tenta liquidar a questão politica. Nega-se toda a força de que o administrador republicano de confiança carecia, para meter os monarchicos na ordem, e justamente quando este prende um conspirador e o remete para Faro, com os respetivos autos de investigação t'stemunhal, onde se constata a criminalidade do arguido, é que o governador civil abruptamente demite o administrador, põe na rua o prezo sem ao menos ler os autos, ordena a prisão de dois dedicados republicanos de Portimão, que acidentalmente se encontravam em Monchique, os quaes com sacrificio e a instancia do administrador d'aquella vila, que não tinha policia, acompanharam o prezo a Faro com todos os documentos que a lei exige em taes casos. E para remate d'este vergonhoso gesto, em que avilta a loucura e a prepotencia inaudita do sr. governador civil, nomeia para administrador, sem ouvir nenhum republicano, uma creatura que se havia tornado incompativel com os republicanos locais n'uma das ultimas situações monarchicas em que servia como administrador. Em Portimão, porque o administrador do concelho—um velho republicano—se julgou desprestigiado n'uma ocorrencia anormal, pedindo por tal fato a demissão, logo o sr. governador civil com um ataque de despota-maniaco, teve a tentação de o mandar prender, tendo-lhe antes negado indelicadamente a demissão pedida

que só mais tarde lhe deu de uma forma incorrecta e impropria para um republicano visto que, só quando se apresentou o actual administrador, é que aquele foi destituído por simples officio, do cargo que exercia.

Por toda a parte o mesmo tresloucamento, a mesma inepecia; os que não se queixam abertamente da triste politica que se faz no Algarve nutrem por ela o mais absoluto desprezo e afastam-se com indiferença.

Não se lobra na politica do Algarve um ato, um ponto de referencia em que palpite o sentimento republicano que nos unia nas horas amargas da luta contra a tirania monarchica.

Na obra politica do distrito não ha aquella continuidade que indispensavel era que honvesse para a união dos antigos republicanos, e para a integração natica dos adherentes na vida da Republica.

Nós não temos a veledade de negar, aos que foram monarchicos, e sobretudo monarchicos honestos, o direito de cooperarem no resurgimento nacional integrando-se na Republica; o que desejamos, e se tanto for preciso, exigimos, é que essa cooperação tenha o cunho de absoluta honestidade e que a integração d'esses elementos seja feita sem espinhar aqueles que tanto trabalharam e tantos sacrificios fizeram para o advento da Republica.

Uma politica como a que se tem feito desgosta, entristece, avilta quem contra ela não protesta; não dá prestigio á Republica e só consegue amesquinha-la. E' por isso que bem alto levantamos o nosso mais veemente protesto, chamando para ele e atenção do governo, dos republicanos sinceros do Algarve e de todo o paiz.

Entre as muitissimas adesões que temos, registamos as das Camaras Municipaes e Comissões Paroquias de Lagoa, Silves, S. Braz de Alportel, Monchique e Portimão, alem do maior numero de correligionarios de quasi todas as localidades.

Como estamos resolvidos a ir até ao fim com o nosso protesto, que é um dever patriotico, lembramos a todas as Camaras Municipaes, Comissões Paroquias e quaesquer correligionarios, que podem enviar a sua adesão para o primeiro sinatario d'este protesto em Portimão.

E' necessario que o Algarve tenha á frente do distrito um republicano conhecido.

Queremos um governador civil republicano que saiba administrar com inteligencia.

AS COMISSÕES:

Silves: — João José Duarte, Manuel Joaquim Sequeira Junior, Manoel da Silva Clemente, Abílio Braz Machado, Lino José Duarte, Henrique Martins.

Monchique: — José Cardoso, António Gonçalves Mão, José Candeias Mato.

Ferragudo: — José Antonio Ferrára, Luiz Dionizio Senior, José Dionizio, José Correia da Silva.

Portimão: — Joaquim Gualdino Pires, José Severo Ramos, Virgilio Benjamin de Quintanilha e Mendonça, Julião Quintinha, Vitorino da Fonseca.

Lagoa: — Luiz Amaro Marquês, José Alberto Marques da Silva, Virgilio Negrão Calado, João Antonio Cardoso Ferreira, José Monteiro, António C. Monteiro, José Cristina Monteiro, Francisco de Paula Azevedo e Silva.

Agradecimento

Artur Eurico Serio, Raul Olegario Serio, Juvita Augusta Serio, Maria Barbara Serio, Amelia Dorotea Serio e Georgina da Assunção Serio (ausente) agradecem a todos os seus amigos que se dignaram manifestar-lhe o seu pezar pela grande desgraça que acaba de ferirlos na pessoa de seu querido pae, José Serio.

Monchique, 16 de agosto de 1912.

CENAS DE PUGILATO

A QUESTÃO DO 33

Um tenente que deshonra a sua farda de militar e a quem o sr. dr. João Pedro de Sousa, em pleno jardim publico e impunemente, chama traidor, poltrão, covarde e couceirista.

Um major publicamente esbofetado quatro vezes pelo sr. dr. João Pedro de Sousa, e desarmado por um popular, no momento em que pretendia covardemente fazer uso da espada.

Hontem, pelas 22 horas, estando o sr. dr. João Pedro de Sousa, diretor deste bi-semanario, sentado á porta da *Tabacaria Central*, em conversa des preocupada com os seus amigos, aproximou-se dele, traioeiramente, pela retaguarda, o official Antonio Francisco dos Ramos, tenente do 33, e apanhando-o sentado e absolutamente distraido, deitou-lhe as suas garras de criminoso e repelente salteador, causando-lhe com as unhas, no lado direito da cara, umas legrissimas escuriações.

O sr. dr. João Pedro de Sousa, vendo-se tão infamemente agredido á falsa fé, conseguiu vencer a forte pressão do miseravel que o desejava dominar e, já de pé, desvincelhado do traidor, segurou-o nervosamente, para o esbofetear, e assim o teria feito se não intervissem ao conflito as varias pessoas que presenciaram a traição edificante do famoso *heroe*, do celerado monarquista que, cinco dias depois de ser implantada a Republica, arvorou em Alcoutim, cercado de patriotas da sua esfera, a bandeira azul e branca da extinta realza.

Travado o conflito, o povo acorreu de todos os lados e certificando-se da proeza traiçoeira do misero salteador, comentava a seu modo, entre risos e imprecações, a attitude infamissima do irrisorio poltrão que, vestido de tenente, deshonrou a sua farda e manchou o prestigio do exercito.

Entretanto, o agressor desapareceu do local e foi sorratamente para o jardim publico, onde se juntou a outros officiaes e onde, passados minutos, o sr. dr. João Pedro de Sousa o encontrou.

Chegado a ele, o sr. dr. João Pedro de Sousa, postado na sua frente, desafiou-o energeticamente para a luta, provocando-o com as frases mais offensivas da sua qualidade de militar. E aos qualificativos de *traidor*, *poltrão*, *covarde* e *couceirista*, que lhe foram cuspidos á cara, publicamente, na presença de varios outros officiaes, ele, o homem que vestia uma farda de tenente e cingia a sua espada de militar portuguez, mantinha-se covardemente imovel, tranzido de susto para vergonha do exercito!

Em seguida a este formidavel desafio, o traiçoeiro official fez menção de cuspir sobre o sr. dr. João Pedro de Sousa e foi nessa altura que este lhe deitou as mãos aos hombros e lhe deu a paga da ominosa traição que o degradou aos olhos da sociedade.

Tambem nesse momento as *boas almas* quiseram prestar o caridoso beneficio de sacar das mãos do sr. dr. João Pedro de Sousa o *heroe do Guadiana*, esse poltrão que vestia uma farda de tenente e a deshonrou com as suas fanhanhas de traidor e de covarde!

E pouco depois, o jardim publico regorgitava de pessoas que faziam os mais acerbos comentarios á situação deploravel em que ficava esse desauto-

rado official, que, para cumulo da sua covardia, se foi refugiar no quartel do 33, donde nunca mais saiu durante a noite.

O povo começou então a querer manifestar-se levantando vivas ao sr. dr. João Pedro de Sousa, que serenamente o aconselhava a manter-se na melhor ordem e a que não fizesse manifestações de qualidade alguma.

E assim terminou essa triste pagina da vida official do celebre traidor, que tão infamemente deshonrou a sua farda,—esse poltrão a quem os outros officiaes deveriam, num gesto de desprezo, voltar as costas, e a quem o ministro da guerra, em nome do prestigio da força publica, deveria escorraçar do exercito.

No dia seguinte, hoje de manhã, seriam dez horas e meia, o sr. dr. João Pedro de Sousa encontrou na rua das Lojas o tenente Ramos e o incitador Ludovico de Menezes, que n'uma attitude de riso provocador, motivou outra cena de pugilato, de que resultou o mesmo tenente fugir cobardemente, sem que ninguém mais o visse, e o afamado Ludovico experimentar as mãos do sr. dr. João Pedro de Sousa que o fez rastejar por terra.

N'essa occasião, quando o sr. dr. João Pedro de Sousa pretendia ajustar contas com o seu caluniador, sentiu-se preso pela retaguarda e voltando-se para o novo agressor, deparou com o major Miguel de Alarcão, vestido á militar, a quem deu quatro valentes bofetadas, que foram motivo das mais hilariantes manifestações, atenta a covardia do major, comandante do batalhão do 33, que n'essa altura andava palido de vergonha, por causa do sr. dr. João Pedro de Sousa lhe ter arrancado a cabeleira e os dentes, fazendo-lhe cair em cima o riso de todo o povo que presenciava o conflito.

Momentos depois, já quando as coisas estavam meio serenadas, o major Alarcão, movido decerto pela raiva de se ver altamente desprestigiado, desembainhou a espada e investiu de novo contra o sr. dr. João Pedro de Sousa, que o esperava tranquilamente no meio da rua. Foi então que um popular se dirigiu a ele e o desarmou, tirando-lhe das mãos a espada, que rapidamente seria partida ao meio, se não intervissem outras pessoas que o evitaram.

E lá ficou sem espada, sem dentes, sem cabeleira e sem lunetas, o *valeroso* comandante do 3.º batalhão do 33!!!

Mas, perguntamos nós e pergunta a opinião publica: Este major terá o despiante e a insensatez de continuar á frente do batalhão?

Que o digam os seus pergaminhos de fidalgo e o seu brio de militar, cujo prestigio caiu na lama. E deverá continuar ao serviço, incorporado no exercito? Que o diga o ministro da guerra.

MAIS ECOS E CONSIDERAÇÕES

Contrabando

O sr. Manuel Antonio Braz, administrador do concelho de Alcoutim, revoltando-se com o protesto que varios republicanos de Gíões tornaram publico por intermedio do nosso jornal, escreveu na *Provincia do Algarve* uma carta que, por trazer um introito supremamente grosseiro, nos obriga a fazer alguns reparos.

Ora, como o nosso jornal, ao publicar o protesto dos republicanos de Gíões, lhe não fez absolutamente nenhuns comentarios, deveria estar isento de quaesquer responsabilidades, e portanto custa-nos crer que o sr. Manuel Antonio Braz, no principio da sua carta se referisse a nós tão injusta e descortezmente.

Porque assim é e porque no resto da sua carta o sr. Manuel Antonio Braz não usa da mesma linguagem insolente e caluniosa, chegamos a supor que o tal principio da carta não é devido á

pena de quem o subscrive, e antes nos parece um viperino enxerto de qual-quer desqualificado que tão criminosamente se coloca por detraz dos outros, para atirar lama e jogar navalhadas,—lama e navalhadas que não ferem nem podem ferir a nossa reputação e a nossa dignidade.

Nestes termos, resta-nos pedir ao sr. Manuel Antonio Braz que, *sob sua honra*, nos declare se lhe pertencem as primeiras nove linhas da carta que com a sua assinatura veio publicada na *Provincia do Algarve*.

Uma torpeza moral

Consta-nos que o sr. Ludovico de Menezes, arreliado por se ter desfeito em pedaços todo o prestigio do seu amantissimo governador, está no proposito de desmascarar o sr. dr. João Pedro de Sousa, com uma historia que lhe porá de tripas ao sol toda a vida intima, todo o seu passado, desde certos tempos até ao ingresso no Algarve.

Nessa historia, que ele proprio tão nervosamente anunciou que viria publicada na *Provincia do Algarve*, pre-

tende o sr. Ludovico de Menezes trazer á supuração todos os defeitos fisicos e moraes, e todos os crimes comuns e politicos do seu adversario.

Realmente, o sr. Ludovico de Menezes está no proposito de desfazer todo o credito moral do sr. dr. João Pedro de Sousa!

Ao que nos afirmam, escreveu hidias uma extensa carta para a sua da leta *Provincia*, e antes de ser deitada ao correio, andou por toda a parte a anunciar o tremendo cataclismo que ela ia produzir, e até nos garantem que a mostrou freneticamente a dois ou tres cidadãos, em cujo numero entrou o chefe do distrito.

Mais nos consta que essa carta, por ser aspera e insolente de mais a sua linguagem, não mereceu as honras de ser publicada, pelo que o sr. Ludovico de Menezes ficou altamente melindrado com o diretor da *Provincia do Algarve*.

Alem de tudo isto, ainda nos dizem que o referido *cavalleiro* está empenhado em fazer contra as qualidades do sr. dr. João Pedro de Sousa a mais caluniadora propaganda.

Pois, sr. Ludovico de Menezes, vomite de lá todos esses odios e apresente-os sob a forma que julgar mais conveniente para satisfazer as suas *purissimas* intenções! Fsvürme contra o sr. dr. João Pedro de Sousa toda a peçonha dos seus despeitos e da sua inveja! Traga para a sua imprensa toda a bilis que o sustenta de pé! Revolta, se lhe fór necessario, as campas dos seus antepassados e deite ao mundo da critica os seus erros e os seus crimes! Colecione todas as certidões que lhe forem precisas para trazer ao conhecimento dos cidadãos de Faro a vida *criminosa e purulenta do aventureiro* que deseja desmascarar! Faça-lhes sangrar toda a sua vida!

Mas faça-o abertamente nos comicios ou na imprensa, e não use trabalhos de sapa, nas havanezas e nos cafés.

Levante a cara! Venha para o sol! Dga o que quiser!

Fale publicamente ou escreva publicamente, e nós lhe responderemos lavando o sangue e a lama com que pretenda enxovalhar-nos.

Confrontando

A respeito das considerações que *O Herald* fez sobre as propostas de duelo dos srs. capitão Pereira Luz e Miguel de Alarcão, procuraram-nos os srs. tenentes Marcelino Carlos e Branco e Brito, para nos dizer que, havendo certas divergencias entre as respostas a que nos referimos nessas considerações, dadas ás perguntas que eles nos fizeram como testemunhas, e as respostas a que eles, sobre as mesmas interrogações, aludem na sua ata, pretendiam da nossa parte a declaração de que as respostas a que eles se referem nessa ata, exprimem a verdade de que se passou.

Quanto a nós, entendemos que seriam desnecessarias quaesquer explicações, porque ninguém decerto, olhadas bem as coisas, achou discordantes na essencia as respostas que os dois cavalleiros consignaram na ata e aquelas a que nos referimos no *Herald* do mesmo dia, e portanto ninguém terá posto em duvida a retidão que presidiu á feitura da mesma ata.

A primeira vista, parece realmente que ha uma certa discordancia, mas isso é devido ao fato dos illustres emissarios do sr. capitão Pereira Luz se terem cingido a um simplissimo resumo das considerações que lhes fizemos sobre as suas perguntas, resumo que por nosso consentimento eles reduziram a escrito.

As respostas que no *Herald* attribuímos a nós proprios são na essencia a mesmissima coisa, mas, visto não termos imposto á nossa consciencia e á nossa liberdade a obrigação de reduzir essas respostas á sua expressão mais simples, saíram um pouco envoltas ou cercadas da altivez com que apreciamos as suas perguntas.

Pelo que se vê, não ha discordancias: as respostas são essencialmente as mesmas, escritas com palavras diferentes.

APREENÇÃO

No dia 15 foi apreendido a Manuel Simões Coelho, limpador de maquinas do caminho de ferro de Sul e Sueste em serviço na estação de Faro, uma porção de contrabando que tinha escondido em sua casa.

Foram apreensores os srs. tenente Silva, sargento Paes e guardas da secção fiscal desta cidade, sendo o transgressor levado para a alfandega e bem assim o contrabando apreendido.

O transgressor depositou a quantia de 45.000 reis.

Consta que ha pessoas que se interessam no encobrimento do transgressor.

POR ESSE ALGARVE

Monchique

Causou a mais funda impressão n'esta pitoresca vila a morte tragica do velho republicano José Serio, que, por motivos ainda ignorados, se suicidou dando dois tiros na cabeça.

O infeliz que foi um dos mais intemeratos e devotados amigos da Republica, exercia ha tempo com notavel dedicacão e proficiencia o cargo de correspondente de *O Herald* que tinha em Jose Serio um dos seus mais prestantes amigos.

Pobre José Serio!
Ainda ha pouco, quando te vimos mandar para o bi-semanario democratico de Faro a tua ultima correspondencia, em que consignavas a tua e a nossa indignação contra as prepotencias do governador civil, mal diriamos que d'ali a poucos dias haviamos de ficar privados da tua amizade sempre honesta, da tua dedicacão partidaria, que chegava até ao sacrificio!

Infeliz amigo da Republica, aqui te deixamos as nossas mais sentidas e pungentes saudades.

Eras um humilde mas trabalhaste sempre com o desinteresse, com a abnegação propria de um devotado amigo!

CARTEIRA

Fazem anos:

Amanhã, 22.—D. Maria Luiza dos Santos, D. Amelia da Matos Formosinho, D. Ester Moreira Alves, D. Lucinda de Jesus Gonçalves Móra, D. Elisa Vieira Sergio, D. Ana Camila de Sousa Fernandes, José Franco Pereira de Matos, Antonio Alfredo Moreira, Carlos Rodrigo Sarafim, Manuel Maria Teixeira, José Monteiro Moniz de Andrade e o menino Joaquim José Mendes Cipriano.
Sexta, 23.—D. Antonia Isabel de Jesus, D. Carminda da Silva Ferreira, D. Amelia Maria Constante, D. Maria Isabel Moreno, D. Filipa Emilia de Castro, Joaquim José Alves, Luiz Candido da Silva, Ernesto José Batista, Manuel Mostinho Rodrigues e Jacinto de Melo Vilar.

Sabado, 24.—D. Emilia da Costa Pereira e Silva, D. Lucinda Alfaro Monteiro, D. Mariana Augusta Barreiros, D. Laura Xavier, D. Maria de Castro Pimentel, João Afonso Matoso, Joaquim Augusto Nicolau, Alfredo da Silva Pacheco, João Eusebio Malreta e Joaquim Antonio Viegas.

NOTICIARIO

Foram concedidos trinta dias de licença ao sr. dr. José Luiz Moutinho Luna de Andrade, mercetissimo juiz de direito na comarca de Tavira,

— Ao nosso presado amigo, sr. dr. José Antonio Vasco Mascarenhas, professor do liceu João de Deus, em serviço no liceu de Beja, foram concedidos 45 dias de licença.

— Foi nomeado juiz do distrito de Olhão o sr. Joaquim Amancio Salgueiro Junior.

O sr. José Gouveia Pacheco foi nomeado substituido do mesmo juiz.

— Está em Olhão, em goso de ferias o nosso amigo Sebastião dos Santos Mateus Capinha, professor official em Montemor-o-Novo.

— Regressou a Lisboa o sr. Francisco Augusto Xavier Rodrigues, que veio presidir aos exames da 5.ª e 7.ª classes no liceu de Faro.

— Acompanhado de sua esposa partiu para a Armação de Pera o sr. Jaime Barrot.

— Regressou de Lagoa, acompanhado de sua esposa, o sr. dr. Filipe Baião.

— Partiram para Armação de Pera as filhas do sr. dr. Virgilio Inglez.

— Regressou a Lisboa o sr. capitão tenente Ayala.

— Partiu para a capital o sr. Magalhães, digno diretor gerente da Companhia de Electricidade Farensa.

— Regressaram de Lisboa os srs. Virgilio da Conceição Costa, chefe da 5.ª secção de via e obras e Augusto Vieira dos Reis.

Deu-nos o prazer da sua visita nesta redacção o dedicado republicano sr. Moysés Moreira Feijão, distinto official dos Correios e Telegrafos que tem prestado valiosissimos serviços á Republica e que se notabilizou por assinalados

serviços ao movimento revolucionario por occasião da implantacão do novo regimen.

— Visitou-nos nesta redacção o intemerato propagandista sr. Pedro Murarilha, nosso prezado colega do *Socialista* de Lisboa e que percorre o Algarve em missão de propaganda.

— Vindos de Lisboa com seu neto e sobrinho, o menino Manuel Maria Galo, regressaram a Almancil o sr. Cristovam de Sousa e sua filha D. Maria do Carmo Cristovam, que tinham ido á capital afim de submeterem a uma melindrosa operacão aquele menino, filho do malogrado Manuel dos Santos Galo, o comerciante vitimado por uma bomba por occasião da greve geral.

— Começaram no dia 19, na Fuzeta, os exercicios de infantaria 4 cujo programa já publicamos. Estes exercicios prolongam-se até ao dia 27.

No dia 25 realiza-se com grande solenidade o juramento á Bandeira, havendo concerto e distribucão de premios.

Subscrição Nacional para a compra de aeroplanos

O Herald, sempre desejoso de contribuir para o engrandecimento da Patria Portuguesa, abre nas suas colunas uma subscrição, cujo produto será aplicado á compra de aeroplanos para serviço do exercito.

Esperamos que em todos os bons portuguezes nos auxiliarão dentro das suas forças, aqui deixamos o nosso apêlo e fica aberta a subscrição:

Transporte ... 6\$500
Domingos Angelo..... 100
Dr. Candido Emilio de Sousa. 1\$000
Soma... 7\$600

CARREIRA DE TIRO DE FARO

3.º Batalhão do 4

Relação dos atiradores que melhor classificacão obtiveram no tiro civil no dia 18 do corrente:

A 100 metros, de joelhos, o sr. José Nunes de Sousa, com 37 pontos.

A 200 metros, deitado, o sr. Viriato Martins, com 32 pontos.

A 300 metros, de joelhos, o sr. João Mendes Serrano Junior, com 31 pontos.

A 400 metros, deitado, o sr. João Nepomuceno Pestana Girão, com 15 pontos.

Quartel em Faro, 18 de agosto de 1912.

O diretor da carreira,

Francisco José Barros,
Ten. de inf.ª 4.

Armações de atum

NOTA DO PEIXE VENDIDO NA LOTA DE VILA REAL DE SANTO ANTONIO DESDE 12 A 19 DE AGOSTO DE 1912.

Medo das Cascas—15 atuns e 3 atuarros, na importancia de 286\$750 reis.

Barril—19 atuns, 36 atuarros e 11 albacoras na importancia de 523\$248 reis.

Livramento—52 atuns e 26 atuarros, na importancia de 1:045\$832 reis.

Cabo de Santa Maria—23 atuns, 18 atuarros e 13 albacoras, na importancia de 477\$178 reis.

Atalaia—11 atuns, 7 atuarros e 1 albacora, na importancia de 186\$457 reis.

Soma—120 atuns, 90 atuarros e 25 albacoras, na importancia de 2 519\$465 reis

AUTOMOVEL NOVO

Aluga-se. Trata-se com Armando Ignacio Pires.

Rua Primeiro de Dezembro 25—Faro.

PRAÇA DE TOUROS DE FARO



GRANDIOSA CORRIDA DE TOUROS

Domingo, 25 de agosto de 1912

COMBOIOS A PREÇOS REDUZIDOS

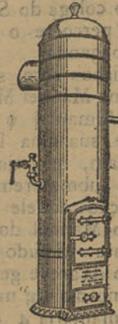
LATOARIA PONTE

Sucessor de JOÃO F. X. da SILVA REIS

CASA FUNDADA EM 1889

R. Conselheiro Bivar, 3 — Avenida da Republica, 2

FARO



Especialidade em esquentadores para banho, em cobre polido, sistema francez, o melhor, mais economico e perfeito que até hoje tem apparecido.

Manufatura de gazometros e candieiros para gaz acetilene, dos mais praticos e perfeitos. Encarrega-se da montagem dos mesmos em qualquer terra da provincia.

Especialidade em bombas de todas as qualidades as quaes se vendem pelos preços das fabricas.

Instalações completas para agua, em tubo de chumbo ou de ferro.

Especialidade em autoclismos inglezes em ferro fundido, sem valvula, de efeito seguro.

Especialidade em ferros de soldar a gazolina, sistema alemão, o melhor e de maior resistencia até hoje conhecido.

Torneiras de latão de todas as qualidades, folha de flandres, zinco, ferro zincado, tubos de chumbo, de latão e de ferro, em todas as grossuras, latão e cobre em folha. Estes artigos vendem-se a retalho ou em quantidade, a

PREÇOS SEM COMPETENCIA

A FILHA DO DIVORCIO
Romance parisiense de maior interesse na actualidade, por um dos mais afamados escritores francezes e illustrado com magnificas gravuras francezas. Está em publicação pela acreditada casa editora *Bellem & C. Succ. Lisboa.* Brindes aos srs. assinantes: uma estampa em cromom com um assunto de grande novidade. Caderneta semanal de duas folhas, 16 paginas, 20 réis. Tomo quinzenal ou mensal de 10 folhas, 100 réis.

As expedições serão feitas em cadernetas de 20 réis ou em tomos de 100 réis, sendo o porte á custa da empreza, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido a importancia antecedente.

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000.000\$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo

Seguros marítimos

Seguros de cristals

Seguros contra roubos

Seguros postaes

Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Sede—Rua do Alecrim, 10—LISBOA

AGENCIA EM TAVIRA

PHARMACIA CUNHA 181

HOTEL MARCELLINO & ALGARVIO

PROPRIETARIOS

JOSÉ MARCELLINO & TAXINHA

RUA DA PADARIA, 32 E 33—LISBOA

Comida e cama a 800 e 1\$000 réis. Camas a 200 e 300 réis

Biblioteca de Educação Nacional

AS MENTIRAS CONVENCIONAES DA NOSSA CIVILISAÇÃO
A PSICOLOGIA DAS MULTIDOES

O QUE É O SOCIALISMO -- O ANARQUISMO

LEIS PSICOLOGICAS DA EVOLUÇÃO DOS POVOS -- CRISTO NUNCA EXISTIU

AVULSO—cada volume brochado 200 réis e encadernado 300 réis.

Tipografia Democratica

RUA 1.º DE DEZEMBRO -- FARO

N'esta casa, aberta recentemente, imprimem-se com a maior perfeição e brevidade, e por preços excessivamente baratos, todos os trabalhos tipograficos, taes como: faturas, memorandos, prospectos, bilhetes de visita, modelos de reparições, folhetos, rótulos de farmacia, etc., etc., etc.

IMPRESSÃO DE LIVROS E JORNAES

N'este estabelecimento, que é sem duvida o melhor do Algarve, encontrar-se á venda varias qualidades de papel de carta, quer ordinario quer de luxo, papel de officios, cartonado, almaço, etc., tambem por preços

SEM COMPETENCIA

ESPECIALIDADE EM PAPEIS TIMBRADOS E PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO

F. S. SILVEIRA

ANTIGA CASA VIUVA SERZEDELO

Drogas e produtos quimicos, para farmacia e industria

IMPORTAÇÃO DIRETA

16--RUA DOS REMOLARES--18

LISBOA

CONDICÕES DE ASSINATURA (Pagamento adiantado)
Portugal e Colonias (Um ano) Porto, 1\$440 Réis; Provincias, 1\$500 réis avulso, 120 réis.

Brasil (moeda forte) (um ano) Pelo correio, 1\$700 réis.

Para venda avulsa, o preço é fixado pelos nossos correspondentes

SEÇÃO ESPECIAL DE VENDAS POR ATACADO

A PRASOS E A PRONTO PAGAMENTO

Expedição de qualquer encomenda com a maior brevidade

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LABORATORIO DE FARMACIA BANDEIRA & RAMOS

DIRETORES PROPRIETARIOS — FARMACEUTICOS PELA ESCOLA DE LISBOA

SUCESORES DA ANTIGA FARMACIA PIRES

FUNDADA EM 1805

RUA D. FRANCISCO GOMES, 40, 42 E 44

FARO

Fornecimento para Farmacias, Hospitais e Laboratorios

Tisana de Zittmann, formula modificada do dr. Constantino Cumano

Unicos agentes depositarios no Algarve das

AGUAS DE VIDAGO: — (Vidago, Vidago n.º 2 e Sabroso)

AGUAS DE S. VICENTE (Entre-os-Rios), DA CURIA E DE VERIM (Espido)

PREÇOS MODICOS

REMEDIO CONTRA AS LOMBRIGAS (Vermifugo Braga)

A SIFILIS É EVITAVEL

COM A POMADA HERMESIL

É um remedio que se recomenda por si, e que com motivo justificado se pode chamar—A saude das creanças.

Preventivo contra as doencas venereas, ainda que empregado 5 horas depois do coito suspeito.

os revendedores e maiores compradores concedemos, quanto ás aguas, o mesmo desconto que damos os depositos de Lisboa, ficando a cargo do comprador o frete e o porte do caminho de ferro, que são, respectivamente, 80 réis 240 réis por cada caixa, desde Faro a qualquer estacao até Villa Real de Santo Antonio ou Villa Nova de Portimão, desde esta consideravelmente menor do que vindo ás aguas directamente de Lisboa, pois n'este caso regula por 1060 réis. Requisitando-as do nosso deposito, ha tambem a vantagem de se receberem quasi de um dia para o outro, e da não menos importante circumstancia da redução da despesa resultando poderem-se vender ao publico, em qualquer ponto do Algarve, pelos preços de Lisboa.

JOSÉ MARTINS DA CUNHA

SOLICITADOR REGISTADO EM

VARIOS TRIBUNALES DO PAIZ

semtos de justiça e repartições publicas

Vou da de artigos do cartão

Fabrica de cartões e letras esmaltadas

Mercadoria completa

cofes, grancias e balanças

Escrizuração comercial

Produtos quimicos e farmaceuticos
Porragens e papelaria
Vinhos finos e liciores
Queijos e mantegas
Despachos de importação, exportação, de navios, etc., etc.

Correspondente de varios jornaes de Lisboa e Porto
Agente de companhias de seguros
Procede a cobranças de rendas e dividas
Folha de Flandres, marca F. L. B. V.
Óleos para maquinas e luzes

22--RUA PRIMEIRO DE DEZEMBRO--26

FARO

LIVRARIA DAS NOVIDADES DE ANTONIO DOS SANTOS CAPELLA

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES LITERARIAS

RUA DA MARINHA N.º 15 -- FARO

Fornecimento completo de livros necessarios em todos os collegios e liceus

IMPORTAÇÃO DIRECTA

de artigos de Farmacia, Drogaria e Fitorphica, das mais acreditadas casas produtoras—Grande deposito de especialidades medicinas e orthopedicas, objectos de borracha: canuções, fundas, irrigadores, canuções e perfuradoras FABRICO ESPECIALIZADO DE EXTRATOS PLANTAS

IMPRESSÕES A CORES E OURO

VARIEDADES DE BILHETES DE VISITA

ARTE Revista literaria e scientifica de que é Director F. S. MARQUES ABREU

FEDERAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua de S. Lazaro, 310--PORTO